

onde se sente confortável, acolhido e aceito, ou seja, onde se sente pertencido. Tem a ver, então, com a dimensão afetiva que vamos amadurecendo livremente na experiência de nos tornarmos betharramitas.

Por isso não basta *ser*, é preciso também querer *pertencer*. Ser betharramitas é consequência de uma experiência teologal em que nos apropriamos de tudo o que há de mais transcendente que Deus nos oferece em Jesus Cristo, seu Filho, e nos despojamos de nós mesmos por amor ao seu Reino.

Termino com alguns versículos conhecidos, que não devem soar como uma repreensão, mas sim como um apelo amoroso da nossa mãe, a Congregação do Sagrado Coração de Jesus de Betharram: *"Sei que tens perseverança e que sofreste muito por causa do meu Nome sem desanimou. Mas devo repreendê-lo por deixar esfriar o amor que você tinha no início"* (Ap 2:3-4).

Que Deus abençoe a todos nós, sob o olhar de Maria e de São Miguel!

Pe. Gustavo Agin, scj
Superior Geral

Perguntas para compartilhar:

- 1) *Em que momento da minha vida como betharramita me senti mais unido à família de Betharram? Por que?*
- 2) *O que a congregação me deu?*
- 3) *Devo dar algo à Congregação?*



N. 203

NOUVELLES EN FAMILLE -123° ANO, IIA SÉRIE - 14 DE MAIO DE 2024

A palavra do superior geral

Pertencer à família religiosa: a dimensão desafiante

"O que deve animar-nos, quando sacrificamos os afetos familiares, é que Deus se encarrega de tudo e concerta tudo na perfeição quando lhe obedecemos: o melhor meio para ser útil a Deus e para os seus seres queridos, é oferecer, nós mesmos, o sacrifício daquilo que mais queremos, como Abraão".

(SMG) (DE 290)

Queridos betharramitas:

Neste editorial do mês de maio, gostaria de compartilhar algumas experiências que fazem referência a nosso sentido de pertencimento à família religiosa. São muitos os motivos que nos fazem sentir parte desta família: nossa história vocacional, nossos numerosos modelos eclesiais, um certo Rosto de Cristo que é atraente para nós, o chamado à missão de sermos: voluntários, disponíveis, servidores, auxiliares.

Nosso fundador nos dizia: *"Nós... pertencemos a uma comunidade cuja origem, propósito e ministérios são tão*

sublimes; a uma comunidade que se formou apesar de meios muitos frágeis – o que digo, apesar de todos os obstáculos que colocamos e que continuamos a colocar de muitas maneiras – e que se encontra em circunstâncias muito delicadas diante de Deus, da Igreja e dela mesma” (DE 243).

Contemplar com um olhar icônico e com afeto a São Miguel Garicoits, ao Pe. Augusto Etchecopar e a outros tantos autênticos betharramitas, tem me ajudado sempre a configurar-me com eles – mesmo com minhas misérias e pecados – encantado com seu modo de amar e sentir à congregação “até dar a vida por ela”. Deixá-los retratados numa parede fria me distanciou do ideal de vida que Deus me apontou. Em nossas comunidades há pequenos Garicoits e Echecopares vivos... Devemos descobri-los, porque são um tesouro para a família e constroem vínculos desde o afeto e o testemunho de vida.

Na Casa Geral de Roma, ao subir as escadas, um pode ver quadros com as fotos dos 14 (quatorze) Superiores Gerais, a começar pelo nosso bom e venerado fundador. Quando subo aqueles degraus, às vezes, sinto-me um pouco “observado” por eles e me pergunto...: “Gustavo, o que você está fazendo por Betharram?”... O que você está dando para a família Betharramita?... O que ela está te dando?...”

Estas são perguntas, que cada um de nós poderíamos fazermos a si mesmo. Para além da nossa missão ordinária, existe uma dimensão que não é estranha a nenhum de nós, e que tem a ver com o **nosso pertencimento a uma determinada família religiosa na Igreja**. A nossa, nos deu muito...: um nome, uma formação, uma consagração dentro dela, uma missão.

As respostas nascidas da nossa experiência, farão com que nos sintamos *semelhantes ou diferentes*, mas ao mesmo tempo valiosos, pedras vivas da uma mesma família religiosa. Nós, Betharramitas, temos muitos dons pessoais a oferecer e não caminhamos sozinhos. Embora alguns possam às vezes se sentir um tanto isolados, magoados ou desiludidos, fazer “parte de Betharram” nos indica que sempre haverá um “Peregrino misterioso” ao nosso lado que nos encorajará a alcançar a meta esperada: seja nosso irmão ou irmã, leigo ou religioso.

A nossa família, como outras na Igreja, hoje encontra-se num momento crucial da sua história. As provações pelas quais passa, não

são menos que as grandes provações dos primórdios: temos grandes estruturas e poucos membros; vários irmãos doentes e idosos; um frágil testemunho de vida religiosa; uma história recente que ora nos orgulha, ora nos flagela; leigos que nos pedem respostas de vida e vêem diariamente as nossas crescentes fragilidades em número e qualidade de vida; ficamos surpresos com as inesperadas crises de perseverança vocacional; o individualismo pastoral (um grande flagelo hoje na vida religiosa...); os problemas econômicos e administrativos causados por um mundo materialista e complexo ao qual por vezes nos adaptamos...; a falta de animação nas regiões que fortaleça a paz e a comunhão em algumas comunidades; a imprudência que facilmente se desencadeia no mundo das redes sociais, etc.

Com todo este panorama parece que não é um prazer ser religioso betharramita... Onde então colocar a nossa esperança? São Miguel nos diz que: “*Nunca devemos esperar mais (em Deus), do que quando tudo parece perdido!*”

Por isso confiamos, mesmo vivendo rodeados de provações, continuamos a peregrinar na esperança. A verdadeira vida que Jesus nos ensinou continua a se desenvolver silenciosamente no oculto da “posição”, assim como nos ensinou São Miguel. Aquela Cruz que nos é dada “em gotinhas”, ali no lugar onde deveríamos estar (e não onde nos instalamos...).

Pela graça de Deus, vários jovens ainda querem fazer parte desta peregrinação (especialmente em Ásia, África e América do Sul), e, ao longo do caminho, juntam-se às nossas comunidades em missão, depositando a confiança em nós porque ainda nos reconhecem como “Família”. Parecem não se importar com essas fragilidades mencionadas, porque o chamado de Jesus a segui-lo vai além das condições mais ou menos ótimas de quem abre as portas de uma comunidade em missão ou de uma casa de formação.

A vocação sempre foi um chamado que toca o coração e que “seduz”; e eles aceitam “a família de sua noiva” tal como ela é...

Temos então, um chamado a *cuidar* do nosso sentido de pertencimento a Betharram. Se não estivermos unidos afetivamente e efetivamente à família religiosa, como ajudaremos estes jovens e os leigos betharramitas a realizarem o seu sonho vocacional?

O sentido de pertencimento, *é a identificação subjetiva que um indivíduo vivencia em relação a uma comunidade em missão,*